

PESQUISA NO CAMPO EDUCACIONAL: DOS DOCUMENTOS ESCRITOS AOS RELATOS ORAIS

Zeila de Brito Fabri Demartini⁶⁶

Muitas têm sido as discussões sobre os saberes do professor/educador, algumas vezes suscitando polêmicas, como a mais recente questão das “competências”. Mas este não é um tema novo: os saberes docentes e o exercício da profissão sempre foram objetos de preocupação, especialmente dos próprios educadores. Quantos, ao longo do século XX, não iniciavam a carreira docente achando que não estavam preparados para “ensinar” e até, vários deles, assumindo suas falhas na atuação junto à suas classes e alunos? As questões da formação e da prática docente, isto é, da experiência, tem merecido tanto a atenção dos que formulam políticas educacionais como dos que atuam como educadores. Mas há uma outra dimensão dessa problemática que é importante e nos instiga: a da sua apreensão, isto é, da pesquisa sobre a mesma. Em outras palavras: como tem sido observado o trabalho do professor/educador, incluindo sua formação e sua atuação? Também essa é uma dimensão sobre a qual muito se tem escrito seja propondo, seja questionando diferentes práticas de pesquisa.

Nesse artigo, sem ignorar a importância das várias reflexões que têm sido realizadas por diferentes autores, procuro ater-me à minha própria experiência de pesquisa sobre formação e atuação de educadores. É, portanto, um texto autobiográfico sobre a prática de pesquisa, procurando evidenciar como fui construindo ao longo dos anos uma maneira de pesquisar conduzida mais pelas questões de investigação que me intrigavam, que por temáticas e teóricos em moda. Nesse percurso, penso que algumas observações sobre a prática pedagógica e os saberes dos professores me ficaram como lições para pensar na pesquisa sobre o campo educacional. É um pouco sobre isso que remetem as anotações abaixo.

Como já bem observou Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), toda pesquisa tem alguma relação com o pesquisador, e a própria forma como procura investigar e desvendar seu problema de investigação é marcado por

⁶⁶ Diretora de Pesquisa do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU-USP), docente da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e pesquisadora do CNPq.

sua trajetória de vida. No meu caso, as inquietações que me levaram a empreender estudos sobre as relações entre educação e populações rurais estão ligadas às vivências em cidade pequena do interior, convivendo no dia a dia com diferentes categorias da população rural, o que me fez refletir sobre as colocações usuais de teóricos das Ciências Sociais na década de 1970, sobre esse tema: a partir de uma perspectiva mais sociológica, vinculavam a educação nesse meio ao tipo de trabalho aí desenvolvido e a sua organização, assim como à forma como se organizava a sociedade global (mais do que à forma como se estruturava o sistema educacional em si); assim, segundo os mesmos, o que poderia explicar a marginalização educacional de grande parte da população no meio rural paulista, observada ainda no final da década de 1960, seria a própria indiferença do homem rural com relação à escola, pois para seu trabalho ele a consideraria inútil. Os estudiosos, de certa forma, endossavam os discursos e ideologias do Estado com relação às populações rurais.

Por outro lado, nossa experiência de vida interiorana e nossa participação em pesquisas de campo junto a agricultores de diferentes regiões do estado de São Paulo, assim como uma análise de dados estatísticos, foram nos levando a questionar a validade das interpretações que atribuíam ao homem rural paulista uma “indiferença” com relação à educação escolar em tempos pretéritos. Nesse caso, a investigação histórico-sociológica impunha-se considerando que muito pouco se conhecia sobre o “passado” do processo de escolarização da população, não sendo possível confiar apenas em estudos teóricos sobre a educação sem um embasamento empírico que as sustentasse. Assim, procuramos investigar a problemática, partindo não só da análise do Estado e de suas propostas educacionais, mas da perspectiva dos sujeitos envolvidos no processo. Nossa primeira pesquisa partiu, portanto, de uma vertente em parte distinta das propostas dominantes na Sociologia da Educação naquele momento (década de 1970), em que se incorporavam as perspectivas de Bourdieu, Althusser e Gramsci como fundamentos teóricos para a investigação empírica; procuramos verificar a forma como a educação, em sentido amplo, e o sistema educacional foram vivenciados pela população, levando em conta suas condições de trabalho e seus valores mais recentes e em tempos passados, anotando possíveis permanências e mudanças.

Para tanto, inicialmente baseamo-nos em dados de pesquisas realizadas no Vale do Paraíba e no Vale do Ribeira, Estado de São Paulo, na década de 1960; depois fomos avançando progressivamente para o passado, na medida em que a hipótese remetia a uma procura da população por escola, inicialmente insuspeita, antes mesmo dos processos de industrialização e urbanização deste estado. A análise da situação na década

de 1960 (DEMARTINI, 1979) levou-nos a supor que realmente os processos de industrialização e de urbanização generalizada teriam acarretado mudanças na maneira de ver e de agir dos agricultores no tocante à educação, determinando sua valorização e uma procura educacional, visível em todas as categorias rurais. Desta forma, a indiferença de que falavam os estudiosos poderia ter sido característica de épocas mais remotas, não se encontrando mais nesta década, em que a procura educacional era evidente. Assim, remetemos a mesma hipótese para períodos anteriores, isto é, supusemos que neles seria constatada uma indiferença evidente pelo ensino, manifestado seja pela não-procura da escola rural, seja, em épocas mais remotas, pela oposição manifesta à implantação e existência da mesma. Esta não-procura da escola e não-valorização do ensino seria generalizada, fosse qual fosse a situação sócio-econômica dos grupos, que agiriam de forma sempre semelhante através do tempo. Essas colocações implicavam que analisássemos a valorização do aprendizado tanto em períodos em que a escola no meio rural era praticamente inexistente, como em períodos em que ela começava a se fazer presente, e em períodos mais próximos, em que ela já se tornara realidade visível. Também implicavam que procurássemos tanto quanto possível verificar as valorizações segundo as diferenciações sócio-econômicas.

Devido a estas considerações, numa etapa seguinte, através de uma pesquisa em documentação histórica escrita, e através também de entrevistas com antigos professores primários e autoridades de ensino, tentamos verificar como se configurava no passado essa indiferença, para esclarecimento de possíveis modificações no decorrer do tempo. Esperávamos atribuir tais modificações aos processos acima referidos (DEMARTINI, 1998, p. 59-60). Assim, foi nesse processo de questionamento de situações pretéritas que o trabalho com as autobiografias e relatos orais começou a se fazer presente, associado a outras fontes mais usuais de documentação histórica.

Apreender as motivações e as relações estabelecidas com a educação pelas diferentes categorias de agricultores não se apresentava como tarefa fácil, principalmente em país em que a guarda de documentos é extremamente precária. Restou-nos, assim, buscar indícios desse passado através de todas as fontes possíveis. Como procuramos centrar nossa atenção a partir da Primeira República, dado que aí as propostas do governo diziam se dirigir para a população em geral, investimos na localização de fontes que permitissem uma visualização das condições da oferta de vagas e as representações da população rural com relação à escola. Em virtude de considerar, já naquela época, a literatura e os documentos pessoais como importantes fontes para a investigação sociológica, procuramos localizá-los.

Os romances autobiográficos que encontramos incorporaram-se, assim, à nossa reflexão, foram utilizadas de acordo com as preocupações de pesquisa. Inicialmente, recorreremos a três romances autobiográficos, de dois autores: de Raimundo Pastor (1970; 1974): *Alegrias, agruras e tristezas de um professor: recordações de Xiririca, Itanhaém, Iporanga e Vila Bela*, de 11/07/1919 a 05/1929 e *Raboné, de colono a professor; Saudade*, de Thales de Andrade (1967).

Na utilização desses romances, contamos com as orientações de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), na ocasião, pessoalmente, de forma oral; em escrito posterior, esta autora explicitou as distinções que nos orientaram, entre autobiografias e biografias:

Narrar sua própria existência consiste numa autobiografia, e toda história de vida poderia, a rigor, ser enquadrada nessa categoria tomada em sentido lato. Mas no sentido restrito a autobiografia existe sem nenhum pesquisador, é essa sua forma específica. É o narrador que, sozinho, manipula os meios de registro, quer seja a escrita, quer o gravador. Foi ele também que, por motivos estritamente pessoais, se dispôs a narrar sua existência, fixar suas recordações; deu-lhes o encaminhamento que melhor lhe pareceu e, se utilizou o gravador, não raro ele mesmo efetua em seguida a transcrição, ou pelo menos a corrige. Na autobiografia não existe, ou se reduz ao mínimo, a intermediação de um pesquisador; o narrador se dirige diretamente ao público, e a única intermediação está no registro escrito, quer se destine ou não o texto à publicação.

A biografia, por sua vez, é a história de um indivíduo redigida por outro; existe aqui a dupla intermediação que a aproxima da história de vida, consubstanciada sua presença do pesquisador e no relato escrito que sucede às entrevistas. O objetivo do pesquisador é desvendar a vida particular daquele que está entrevistando ou cujos depoimentos está estudando; mesmo que neste estudo atinja a sociedade em que vive o biografado, o intuito é, através dela, explorar os comportamentos e as fases da existência individual. (QUEIROZ, 1988, p. 23).

As três obras que utilizamos encaixavam-se na categoria de romances autobiográficos e procuramos delas obter esclarecimentos sobre as relações entre educação e populações rurais, levando em conta que retratam experiências particulares. Faziam referências a categorias diferentes de agricultores e a experiências docentes: a obra de Thales de Andrade (1967)

– *Saudade* – permitiu levantar elementos sobre a situação de sitiantes nacionais assim como uma das que foram escritas por Raimundo Pastor (1970) – *Alegrias, agruras e tristezas de um professor: recordações de Xiririca, Itanhaém, Iporanga e Vila Bela*; a outra (1974) – *Raboné*, de colono a professor, desse mesmo autor, remetiam à situação dos colonos; os dois livros de Pastor relatavam toda sua trajetória de vida como professor.

Estas três autobiografias foram fundamentais pois mostraram que as escolas eram criadas depois de insistentes pedidos da população dos bairros rurais, evidenciando que, no início do século, em áreas isoladas e atrasadas do Estado, havia já um desejo de escolarização dos filhos, manifesto por pais, roceiros e colonos estrangeiros. Entretanto, embora solicitassem os habitantes a criação da escola, oferecendo instalações para a mesma e alojamento para o professor, nem sempre a escola conseguia funcionar. Vários fatores intervinham: o mau preparo do professor, as interferências políticas, e má localização da escola, a longa distância da casa dos alunos. É preciso lembrar que, quando era criada uma escola de bairro, nela eram matriculados todos os filhos, pequenos e grandes, pois seu funcionamento era raro, intermitente e mesmo imprevisível; na medida, entretanto, em que as necessidades de mão-de-obra o exigiam, os filhos maiores eram retirados da escola, pois a mão-de-obra então utilizada pelos sitiantes era a familiar, que não poderiam dispensar.

Raimundo Pastor (1974) também chamou a atenção para o fato de que não se criavam escolas no meio rural e, segundo ele, “sobravam” professores nesse período da Primeira República.

Numa tentativa de complementar e aprofundar estas questões, efetuamos nesta primeira incursão histórica algumas entrevistas. As informações que obtivemos junto a autoridades escolares e professores que trabalharam na zona rural durante este período nos forneceram elementos valiosos para a compreensão do problema. Foram realizadas entrevistas com: 1º) um Delegado Regional de Ensino (Prof. Luiz Damasco Pena), de grande atuação no campo educacional, que também foi professor primário rural nos anos de 1917 e 1918, no município de Redenção (Vale do Paraíba); 2º) um inspetor escolar (Prof. João Severino Villela), também professor de escola rural em Tremembé de 1914 a 1920; 3º) o professor Nelson Martins, que lecionou em Porongaba nos anos de 1920 a 1921; 4º) a professora Acaricy Reis Guimarães, que lecionou em Sales Oliveira (região de Sorocaba) no período de 1926-1930. Segundo as observações destes informantes, nos quatro municípios citados, áreas de pequenos proprietários (siantes) e também de colonos, voltados para uma agricultura diversificada e pecuária com produções destinadas ao consumo e à venda, a frequência das crianças à escola era excelente, apesar da longa distância que os alunos

tinham que percorrer a pé. O prof. Damasco Pena afirmou que a frequência “*nunca decaiu durante o ano*”, que “*o curso era apenas de dois anos e ninguém o interrompia*”, mesmo nas épocas de maior trabalho na roça, quando os pais poderiam recorrer à mão-de-obra infantil para as atividades da lavoura. Esta também foi a situação relatada pelo terceiro entrevistado, segundo o qual os pais incentivavam a frequência à escola. O segundo e o quarto entrevistados, entretanto, afirmaram que havia problemas de frequência por ocasião de colheita, quando os pais precisavam do trabalho dos filhos.

A partir de suas experiências docentes, os quatro professores relataram que o relacionamento com os pais de alunos sempre foi muito bom, pois “*o professor tinha um grande prestígio na roça*”. De acordo com o primeiro e o segundo informantes, os pais não procuravam saber do aproveitamento escolar dos filhos, durante o ano, menos por desinteresse do que por confiança no professor: pondo a criança na escola e fazendo-a ir todos os dias à aula, o resto era tarefa do professor. Para o terceiro e o quarto entrevistados, entretanto, os pais se interessavam muito, e “*até fiscalizavam o ensino*”.

Segundo os quatro professores havia uma procura educacional evidente por parte dos pais; o motivo seria a utilidade que viam na escola. “*Tinham perfeita consciência de que a escola servia para algo: meu filho não há de ser como eu!*” (Damasco Pena). Havia já naquela época um desejo expresso de que os filhos tivessem uma situação melhor de vida, e aí a escola era vista como o meio de atingi-la.

Assim, a análise de documentos escritos, das informações das autobiografias e os relatos dos professores entrevistados permitiram presumir que neste primeiro período republicano a valorização da instrução escolar existia até mesmo em áreas muito pobres e isoladas do Estado, como o Vale do Ribeira, em que os sítiantes e suas famílias praticavam uma agricultura muito rudimentar.

Esta primeira incursão histórica na qual incorporamos na análise das questões as autobiografias e as entrevistas com professores, fruto de suas experiências na docência em diferentes regiões e com diferentes grupos sociais, marcou nossa trajetória posterior de pesquisa. Os relatos orais e os escritos dos professores nos levaram a perceber como os documentos escritos oficiais permitiam apenas uma visão restrita sobre o campo educacional e sua história. As experiências vividas pelos mestres sugeriam novas pistas para investigação e, até mesmo, nos levaram a formular hipóteses de estudo opostas às que tínhamos anteriormente. Evidenciavam, através delas, uma complexidade de situações antes insuspeita.

Através das experiências relatadas pelos educadores, passamos nós por mudanças na nossa própria forma de pesquisar, em nossa própria experiência.

A partir daí, começamos a incorporar de forma sistemática em nossas investigações as memórias obtidas sob a forma de relatos orais, fontes até então pouco usuais na pesquisa histórico-sociológica sobre questões educacionais. O passo seguinte foi, assim, aprofundar o estudo junto a professores sobre suas experiências, obtidas sob a forma de histórias de vida, empreendendo a pesquisa que denominamos “*Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias de professores da Primeira República em São Paulo*”. (DEMARTINI, 1984).

Este foi um desafio grande pois a “moda”, então, eram as pesquisas quantitativas, as quais também realizávamos, recorrendo a questionários aplicados com base em amostragens previamente definidas e segundo abordagens supostamente objetivas. Mas nossas experiências anteriores e os relatos obtidos a partir dos professores eram muito fortes, nos impulsionavam na direção da pesquisa mais qualitativa, pautada agora, para nós, nestas novas fontes orais. Nessa ocasião (início dos anos de 1980), alguns debates já estavam sendo realizados no âmbito internacional e nacional, o que muito nos auxiliou. Foram fundamentais as reflexões de Jacques Ozouf (1967), Franco Ferrarotti (1978; 1981), Roberto Cipriani (1982; 1983), Maria Imacolata Macioti (1985), Oracy Nogueira (1952), Oscar Lewis (1970), Roger Bastide (1953), Daniel Bertaux (1980; 1981), Maurice Halbwachs (1952), Francine Mül (1977), Queiroz (1981), entre outros, assim como a participação em seminários e curso em que o uso de histórias de vida e dos depoimentos era abordado (como o curso oferecido pela Professora Eva Blay, no Departamento de Ciências Sociais da USP).

Enfrentar o desafio de entrevistar velhos mestres, que haviam lecionado ainda durante a Primeira República, foi, certamente, uma experiência de pesquisa inesquecível e fundamental, que marcou de modo definitivo nossa prática de pesquisa posterior. Com ela pudemos pensar mais sobre as complexidades de realidade social e sobre as inúmeras opções existentes para apreendê-las, assim como sobre as riquezas e as limitações que cada tipo de trabalho nos coloca. Pudemos também refletir mais sobre as “aparentes” certezas que acompanhavam a prática da pesquisa sociológica e também historiográfica ainda corrente, em que a crença na objetividade (isto é, a negação da subjetividade) parecia resolver todos os problemas, levar-nos a “belas” e “irrefutáveis” conclusões/generalizações em cada estudo.

Trabalhar com os relatos orais dos professores “balançou” teorias, hipóteses e métodos; lançou-nos em um percurso de incertezas e de

enfrentamento de resistências. Mas também tínhamos algumas certezas, advindas dos seguintes fatos: 1) os professores haviam vivenciado experiências diversas ainda não registradas, e podiam falar livremente sobre as mesmas e 2) alguns estudos já mostravam a importância do estudo das memórias para a explicitação de fatos da vida social. Nessa direção, foi fundamental a leitura do trabalho de Jacques Ozouf (1964), sobre as autobiografias escritas de professores primários que lecionaram entre 1885 e 1914, por ele sugestivamente intitulado *Nous les maitres d'école*. Ozouf chama a atenção para o caráter revelador que marca as confidências dos professores e para a necessidade de não ignorá-las. Nunca é demais retomar uma afirmação que consideramos de suma importância, principalmente considerando a época em que foi formulada:

No entanto, se estes relatos dessem somente a imagem que os mestres fazem de seu trabalho, ainda assim seria necessário não negligenciá-los. Entre a realidade dessa profissão – toda de representação – e a representação que os professores dela fazem, há menos distância que se supõe. Quanto à nuance emocional, não é a visão retrospectiva que a faz nascer. Se pode mesmo sustentar que o afastamento da evocação garante o testemunho contra emoções de outro modo desfigurantes. Todo desejo deixou estes textos; o arranjo dos relatos não deve valer nem favor nem privilégio. E o temor é ausente também: quando a vida se acaba, não há quase inconveniente em se confessar franc-maçon, em reconhecer seu papel dentro do sindicato ou partido. Assim, de tudo isso que pode colorir diversamente um testemunho, a nuance da nostalgia não é a mais deformante. (OZOUF, 1967, p. 12-13, tradução nossa)

Como já comentamos na ocasião desta primeira experiência fundamental e transformadora, o trabalho com as memórias dos professores a partir de suas histórias de vida:

(...) possibilitou-nos um enriquecimento teórico que decorre do envolvimento e questionamento contínuo neste processo de pesquisa, ao colocar em questão, a cada instante, o referencial teórico do qual parte e a própria forma como faz ciência, e ao sobrepor, a todo instante, as várias etapas da pesquisa – o pesquisador está, desde a realização da primeira entrevista, analisando as informações que lhe chegam e está, até a última entrevista, inovando o seu referencial teórico e a sua técnica de

pesquisa; ele lida, desde o início, com o geral e com o particular, na medida em que cada história de vida é um todo que se lhe apresenta. E são estas as razões que tornam este tipo de trabalho aparentemente tão fácil e ao mesmo tempo tão difícil. (DEMARTINI, 1988, p. 70).

Nesse processo, nós, que já lidávamos qualitativamente com documentos escritos de diferentes naturezas (cadernos, jornais, livros didáticos, autobiografias, romances, publicações oficiais, censos etc.), ao passarmos a realizar as entrevistas com professores, nos confrontamos com outras fontes ainda menos usuais: as fotografias.

Os entrevistados nos levaram a elas, e foram, de certa forma, responsáveis pela inclusão das mesmas em nossa prática de pesquisa e em nossas reflexões – eles nos apresentavam fotos (suas, dos alunos, das escolas etc.), falavam sobre elas e, para nós, ficava a questão: o que aquele material poderia também nos mostrar? Em que medida ele seria apenas ilustrativo? O que representava? A dúvida nos impulsionou a refletir, dialogar com outros pesquisadores para os quais as imagens já eram objeto de suas reflexões – Olga von Simson e Miriam Moreira Leite (1999), principalmente.

Aprender a incorporar, além dos relatos orais, as imagens na análise de questões educacionais, considerando todas as questões referentes à sua produção e as representações por elas propostas, implicou mergulhar em outro campo de discussão teórico-metodológica – o do uso da iconografia nas ciências sociais. Para tanto, novas leituras e cursos foram necessários, de modo a superar a apenas aparente “neutralidade” das imagens; compreendendo-as com todas suas subjetividades. A discussão sobre o trato com as memórias ajudou muito.

Trabalhar com a pesquisa mais “qualitativa”, pautada nos relatos orais e imagens, foi assim resultado dessa incursão no passado, motivada pelas questões que a ele conduziam e pela descoberta de novas e várias possibilidades de aproximação à realidade que foram surgindo; às vezes privilegiamos em um estudo uma fonte, mais que outra, principalmente pela necessidade de estabelecer prioridades e respeitar prazos, pois o que pudemos apreender é que, na pesquisa, todas as fontes são fundamentais; o importante é explorar aquilo que cada uma permite que visualizemos e, sempre, tentar analisá-las em sua complementaridade.

Desse modo, fomos incorporando em nossa prática de pesquisa novas fontes e novas reflexões teórico-metodológicas, modificando nossa postura com relação à produção do conhecimento e nossas opções. Também fomos incorporando e qualificando sujeitos diversificados em nossas pesquisas:

pais, professores, alunos, diretores e até excluídos das escolas, parte importante da problemática educacional. Através de seus relatos, foi ficando também muito evidente como a análise de muitas questões demandava de nós, pesquisadores, uma maior atenção às diferenciações sócio-culturais; foram sendo incorporados nos estudos, conforme as problemáticas, as diferenciações de gênero, de gerações, de origem sócio-econômica, as étnico-culturais, as religiosas. Assim, através das memórias dos sujeitos, fomos visualizando situações muitas vezes por nós desconhecidas: vivências diferenciadas entre grupos sociais e gerações, redes de atendimento educacional constituídas por escolas de diferentes tipos, currículos escolares com orientações pautadas em valores e culturas escolares variadas. (DEMARTINI, 1998a; 1998b; 2003).

As questões do campo educacional também nos conduziram para as relações desse campo com os demais vivenciados pelos sujeitos que faziam parte de nossas pesquisas; levando em conta as diferenciações presentes na composição da população brasileira, outros temas/problemas foram se delineando: as questões migratórias, os diferentes grupos de imigrantes e suas vivências no contexto paulista.

Se o pesquisador define/escolhe seus objetos de investigação, também nesse processo o que observa o vai seduzindo, sugerindo-lhe novas questões, novos sujeitos, novas fontes. É preciso ficar atento, submeter-se muitas vezes às seduições do objeto pesquisado, arriscar-se por novos caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Thales. *Saudade*. 58. ed. São Paulo: Nacional, 1967.
- BASTIDE, Roger. *Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida*. Sociologia, São Paulo, v. 15, n. 1, mar. 1953.
- BERTAUX, Daniel. L'approche biographique et la validité méthodologique des potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris, v. 69, 1980.
- _____. *Biography and society*. Londres: Sage, 1981.
- CIPRIANI, Roberto. Il caso di Valle Aurelia. *La Critica Sociologica*, Roma, n. 63-64, 1982-1983.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. Algumas reflexões sobre a pesquisa histórico-sociológica tendo como objeto a educação da população brasileira. In: SAVIANI, D. et al. (Orgs.). *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Campinas: Autores

- Associados/HISTEDBR, pp. 65-78. (Coleção Educação Contemporânea), 1998b.
- _____. Culturas escolares: algumas questões para a História da Educação. In: GUSMÃO, Neusa M. Mendes de (Org.). *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta. pp. 135-158, 2003.
- _____. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, Olga de Moraes von. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- _____. *Observações sociológicas sobre um tema controverso: população rural e educação em São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- _____. A procura da escrita e da leitura na 1ª República: recolocando questões. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 9, 1998.
- _____. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a História da Educação brasileira. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 10., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, s.ed. p. 945-963, 1998a.
- _____. Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias dos professores da 1ª República em São Paulo. *Cadernos CERU*, São Paulo, n. 19, 1984.
- FERRAROTTI, Franco. Appunti sul metodo biografico. *La Critica Sociologia*, Roma, n. 47, 1978.
- _____. *Storia e storia di vita*. Roma: Saggi, Ascabibilitarteza, 1981.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- LEITE, Miriam M.; SIMSON, Olga R. de M. von. Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (Org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/CERU. p. 87-103. (Coleção Textos, série 2, n. 3), 1999.
- LEWIS, Oscar. *Os filhos de Sanchez*. Lisboa: Moraes, 1970.
- MACIOTI, M. Imacolata. *Biografia, storia e società: l'uso delle stoire di vita nelle scienze sociali*. Nápoles: Liguori, 1985.
- MÜEL, Francine. *Les instituteurs, les paysans et l'ordre républicain. Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 17-18, nov. 1977.
- NOGUEIRA, Oracy. A história de vida como técnica de pesquisa. *Sociologia*, São Paulo, v. 14, n. 1, mar. 1952.
- OZOUF, Jacques. *Nous les maitres d'école*. Paris: Julliard, 1967. (Collection Archiques).

- PASTOR, Raimundo. *Alegrias, agruras e tristezas de um professor: recordações de Xiririca, Itanhaém, Iporanga e Vila Bela*, de 11/07/1919 a 05/1929. São Paulo: Centro do Professorado Paulista, 1970.
- _____. *Raboné, de colono a professor*. São Paulo: Centro do Professorado Paulista, 1974.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. São Paulo, 1920-1937: *depoimentos de trabalhadores de baixos recursos*. Projeto de Pesquisa. São Paulo: CERU, 1981. Mimeografado.
- _____. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. (Biblioteca básica de ciências sociais. Série 2, Textos, v. 7).
- _____. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes von. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1988.